



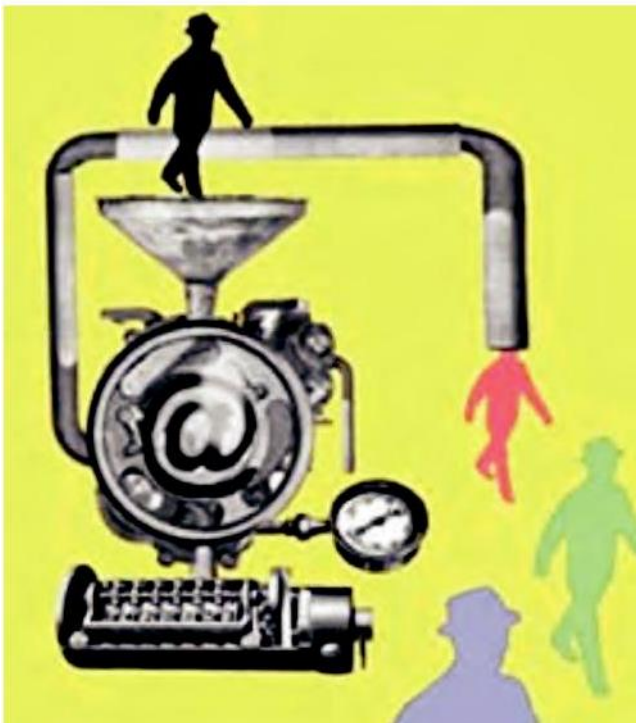
Situação de Aprendizagem 18 A ESCOLA SOCIAL DE FRANKFURT

1. Introdução

Escola de Frankfurt é o nome dado a um grupo de filósofos e cientistas sociais de tradição marxista que se encontram no final dos anos 1920. A Escola de Frankfurt se associa diretamente à chamada Teoria Crítica da Sociedade. Deve-se à essa escola a criação de conceitos como “indústria cultural” e “cultura de massa”.

A Escola de Frankfurt foi fundada em 1924 por Félix Weil, filho de um grande negociante de grãos de trigo na Argentina. Antes dessa denominação tardia (só viria a ser adotada, e com reservas, por Max Horkheimer – um dos representantes da escola – na década de 1950), pensou-se o nome *Instituto para o Marxismo*, mas optou-se por *Instituto para a Pesquisa Social*.

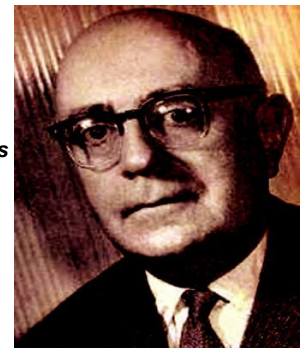
Diante do anticomunismo reinante nos meios acadêmicos alemães nas décadas de 1920-1939, o novo Instituto preenchia uma lacuna existente na universidade alemã quanto à história do movimento trabalhista e do socialismo. Carl Grunberg, economista austríaco, foi o primeiro diretor, de 1923 a 1930. O órgão do Instituto era a publicação chamada Arquivos Grunberg. Horkheimer, a partir de 1931, já com título acadêmico, exerceu então a função de diretor do Instituto, que se associava à Universidade de Frankfurt. O órgão oficial dessa gestão passou a ser a *Revista para a Pesquisa Social*.



Para a Escola de Frankfurt, a indústria cultural produz alienação

Theodor Adorno nasceu em 1903 em Frankfurt, filho de pai alemão – um próspero negociante de vinhos, judeu assimilado – e mãe italiana. Estudou a obra de Kant por influência de um amigo: Kracauer, especialista em sociologia do conhecimento, que viria a se notabilizar com a publicação da obra *De Caligari a Hitler*, sobre as relações entre o cinema e o nazismo. Adorno vinha de um meio de músicos, conduzindo-se para o estudo da estética musical. Com o fim da Guerra, Adorno tornou-se diretor-adjunto do Instituto Para Pesquisa Social e seu codiretor em 1955, com a aposentadoria de Horkheimer, Adorno torna-se o novo diretor.

Adorno foi um dos mais expressivos representantes da Escola de Frankfurt





Estão abaixo selecionados três textos distintos para apreciar os conteúdos críticos dessa escola.

2. Texto Filosófico I - A separação entre ser e pensar e suas contradições sociais, segundo Max Horkheimer (Por Ângelo Fornazari Batista)

A Teoria Crítica tem como instrumentos metodológicos a dialética de Hegel e alguns conceitos encontrados nas obras de Marx, tais como mais-valia, mercadoria e relação de troca. Podemos dizer que para ela, a dialética é sua força motriz, enquanto os conceitos marxistas supracitados servem de apoio e mesmo corroboração de suas teses. Seu objeto de estudo é efetivamente a sociedade burguesa contemporânea, tal como concebida e idealizada pela Revolução Francesa

Neste sentido a afirmação de Horkheimer é esclarecedora: "... a Teoria Crítica é em sua totalidade um único juízo de existência desenvolvido".

O referido juízo abarca o objeto individual e real. Mostra as peculiaridades que o forma, recusando, num certo sentido, o caráter hipotético de deduções no que diz respeito à construção de seu conhecimento. De fato, a preocupação do indivíduo somente com sua e auto conservação; a síntese de conhecimentos caracterizada por uma razão instrumentalizada; a eliminação de conceitos por fórmulas; a eficácia do tempo livre dirigido por outrem; as associações intersubjetivas marcadas por relações de trocas – entre outras determinações – são todos sintomas de nossa sociedade e que de nenhuma maneira devem ser analisados fora deste mesmo âmbito político e social. As qualidades de totalidade e unicidade que este juízo comporta remetem, portanto, aos variados indícios de uma mesma realidade. Indícios estes impregnados de contradições objetivas e subjetivas.

O cientista tradicional, o teórico (neo) positivista e o senso comum fecham os olhos para tais contradições. Enquanto uns veem suas atividades como absolutamente independentes de outras ao seu redor, outros veem na realidade a aparência do concreto. O cientista de nossa época não é capaz de enxergar que seu fazer está conectado com outras ciências. Pensa que é independente também em relação ao status quo: sequer imagina que suas descobertas estão sendo exigidas e manipuladas pela economia e o Estado burguês. O teórico atual olha para um mundo imóvel e dado. Sua compulsão por números chega a ser passível de uma análise psicanalítica. Olhar, classificar, ordenar, quantificar, expressar em gráficos: tal é sua fascinação. A o senso comum já está tudo como tem de estar ou como deve estar. Até mesmo a força que Marx via no proletariado, hoje, já não pode mais ser pensada a rigor: esta classe social já se atomizou e dissolveu-se no establishment mediante a propaganda e fetichização dos bens de consumo e produção.

A Teoria Crítica, ou o juízo de existência desenvolvido, tenta entender por que as contradições não são progressivamente superadas sem que invariavelmente tenha-se de voltar a elas. Dito de outra forma, estudar o porquê de estarmos na barbárie, se todas as ferramentas objetivas necessárias para a conquista da liberdade concreta humana estão em nossa época disponíveis. Já apontamos, no parágrafo acima, algumas razões enunciadas por Horkheimer. Iremos, entretanto, nos demorar um pouco mais na concepção que o teórico tradicional tem de si. Com relação a ele, Horkheimer observa: "o dualismo entre pensar e ser, entendimento e percepção, é para ele natural".

A dicotomia entre *res cogitans* e *res extensa* foi formal e materialmente explicitada por Descartes. O existir do cogito é substancial. A relação entre o pensar e o existir dá-se abstratamente, necessitando da mediação divina para o objeto concreto se perfazer. A filosofia cartesiana foi incorporada à vida social, tornou-se práxis, porém sem nenhuma mediação, pois a sociedade que serviria de mediadora é vista sem vida: é movimentada mecanicamente. Enquanto o teórico crítico compreende o pensar, o formular a teoria em permanente contato com o ser, com o acontecer fático, com o agir. (Adorno dirá outrora: "Pensar é um



agir; teoria é uma forma de práxis".) Para o outro teórico, sua teoria deve obedecer aos fatos. Essa associação hierárquica supõe o fato como consequência de um destino a-histórico e, portanto, alheio à sociedade. Uma instituição qualquer não é vista como reflexo de uma atividade social, não é, por assim dizer, um fazer humano, é tão somente algo que já está concluído, impassível de contradições. Do mesmo modo, a separação entre entendimento e percepção dá-se porque o objeto é pensado *post factum*, i. e., como necessariamente lógico, mas não como uma imanente necessidade objetiva ou concreta.

O caráter natural que Horkheimer atribui a estas separações deve-se ao teórico e mesmo a todos os outros indivíduos de nossa sociedade não estarem mais aptos a fazer experiências. Se tolhida a experiência, inevitavelmente todo e qualquer objeto já está concebido.

A dialética hegeliana não serve para Horkheimer enfatizar que existe um Espírito, que comanda a história do mundo, nem para identificar o particular com o geral; antes, mostrar que a práxis humana deve corresponder a uma sociedade igualmente humana. Em nossa sociedade - felizmente vislumbrada por Marx - não há possibilidade alguma de identificação entre contingente e necessário: somente a exposição e denúncia das contradições.



Horkheimer e Adorno: nomes centrais da Escola de Frankfurt

3. Texto Filosófico II: O Pensamento de Marcuse e o fim da sociedade do trabalho (Por Michel Aires de Souza (Adaptado))

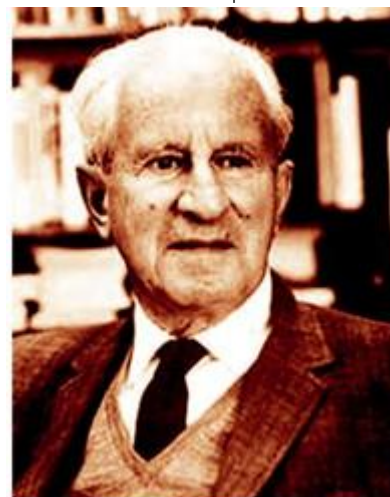
Marx, Weber e Durkheim conceberam o conceito de trabalho como a peça fundamental de seus pensamentos. Contudo, em nossa atualidade, o trabalho já não é mais o principal fator que organiza a sociedade. Os sociólogos de hoje consideram outros fatores como modos da organização social, como a família, o racismo, a sexualidade, o corpo. O trabalho tornou-se um conceito ultrapassado. Além disso, os conflitos sociais já não partem mais do antagonismo

entre burguesia e proletariado. Hoje, conflitos raciais, separatistas, religiosos e culturais são mais constantes. Em nossa atualidade o trabalho se fragmentou, já não é mais o mesmo. Os trabalhos produtivos da indústria, cujos princípios norteadores eram o fordismo e o taylorismo, que valorizavam a produtividade, controlando os movimentos das máquinas e dos homens no processo de produção, tende a desaparecer. Hoje têm sido criadas novas modalidades de ocupação. A prestação de serviços vem tomando o lugar do trabalho produtivo. Atualmente com o desemprego estrutural (desemprego causado pela crescente mecanização), tem surgido cada vez mais o trabalho informal. Pode ser que num futuro próximo todas as esferas da vida social sejam mecanizadas. Se este diagnóstico for correto, qual novo tipo de trabalho seria possível numa sociedade pós-industrial? Qual o novo tipo de indivíduo para esta nova sociedade?

Marcuse, filósofo da Escola de Frankfurt, em pleno auge da industrialização, na década de cinquenta, já pensava sobre estas questões. Em seu livro *Eros e civilização* de 1955 ele já pensava sobre o colapso do capitalismo e o fim da sociedade do trabalho. Em sua opinião, a perspectiva de mudanças nos modos e nas relações de produção, com a mecanização e automatização em todas as esferas da vida social, deve possibilitar uma nova forma histórica da realidade. O capitalismo terá seu fim quando todas as esferas da vida social forem mecanizadas e automatizadas acabando com o trabalho produtivo. Ele espera que surja daí

uma nova racionalidade, uma vez que todos os bens materiais e intelectuais, sem a necessidade do trabalho, serviriam ao desenvolvimento das potencialidades humanas e estariam a serviço da vida. A proposta de Marcuse é a ideia de uma nova racionalidade sensível, que se caracteriza e se define como racionalidade do prazer. Essa racionalidade se opõe ao moderno conceito de racionalidade instrumental da sociedade capitalista, que se fundamenta numa razão formal, lógico-matemática. A racionalidade do mundo ocidental é uma racionalidade técnica, repressiva, fundamentada numa razão que visa coordenar os meios com os fins, buscando apenas a operação e o procedimento eficaz na exploração e controles da natureza e dos homens. Essa razão abandonou os ideais iluministas de liberdade, igualdade e fraternidade, ela não tem mais a preocupação com a felicidade humana, mas sim com o capital. Contudo Marcuse, no mesmo livro *Eros e Civilização*, diagnosticou que o conceito de razão desenvolvido pelo mundo ocidental desvelou uma forma de razão superior àquela existente na cultura capitalista e que contém sua própria negação, uma razão que signifique contemplação, fruição e receptividade do prazer. Hoje, como sabemos, existem todas as forças materiais e intelectuais necessárias à realização de uma sociedade livre. O progresso humano pode possibilitar a eliminação da pobreza, da fome, da miséria, do trabalho alienado e da repressão. Isto é historicamente possível. “As forças explosivas acham sua manifestação mais significativa na automação. A automação ameaça a inverter a relação entre tempo livre e tempo de trabalho sobre a qual repousa a civilização atual: ela ameaça oferecer a possibilidade do tempo de trabalho se tornar marginal e o tempo livre essencial. O resultado será uma transformação radical do conteúdo dos valores e um modo de vida incompatível com a civilização tradicional. A sociedade industrial é mobilizada e permanece contra essa possibilidade.

A proposta de Marcuse de uma nova racionalidade sensível surge como desdobramento dialético da racionalidade instrumental. A mudança na base material da sociedade deve mudar a forma da realidade. Se a forma da realidade é a da racionalidade instrumental, com o fim da sociedade do trabalho deve surgir uma nova racionalidade sensível. Nesta nova racionalidade as novas formas de trabalho seriam lúdicas. A redução quantitativa do trabalho necessário poderia se transformar em liberdade e em uma melhor forma e qualidade de vida. O trabalho automático, irritante e desprazeroso seria abolido e substituído pelo trabalho lúdico. O trabalho deve ser acompanhado da reativação do erotismo polimórfico, ou seja, da capacidade de sentir prazer. Essa ideia de relações libidinais no trabalho surge em Fourier. Marcuse assimila em sua teoria os conceitos de *attraction passionnée* ou *Travail attrayant*. Para Fourier o trabalho deve ser atraente e prazeroso, pois é possível a criação de uma cooperação agradável entre os indivíduos. Essa atração tem três objetivos: “a criação do luxo e do prazer dos ‘cinco sentidos’; a formação de grupos libidinais (de amor e amizade) e o estabelecimento de uma ordem harmoniosa organizada por grupos de trabalho, de acordo com as ‘paixões individuais’ (‘jogo’ interno e externo das faculdades)” (Marcuse, 1955, p.189). O trabalho seria organizado tendo em vista a economia de tempo e espaço para o desenvolvimento integral do indivíduo. Seria um novo mundo estético, onde o trabalho seria lúdico e prazeroso. Todas as esferas da vida social seriam organizadas de tal forma que propiciariam o pleno desenvolvimento do indivíduo e de suas faculdades receptivas e de fruição do prazer. O homem modelaria a realidade pela sua imaginação produtora, transformando a realidade em obra de arte.



Herbert Marcuse: é notável a influência da psicanálise na sua filosofia.



Nesta nova racionalidade do prazer, o próprio indivíduo modificaria sua estrutura psíquica. Contra uma concepção de indivíduo como Logos (Razão), surge a noção de indivíduo como Eros (Amor). O novo indivíduo proclamado por Marcuse tem seu fundamento na teoria das pulsões freudiana. Partindo de uma interpretação da obra de Freud, à luz do marxismo, Marcuse buscou desenvolver uma nova concepção de natureza humana. O indivíduo foi entendido por ele como pulsão de vida (Eros). Na teoria freudiana essa pulsão é o impulso que preserva a vida e procura criar complexidades cada vez maiores de vida. Eros é a pulsão que busca a satisfação da sexualidade, do prazer e do amor. A luta pelo prazer se constitui como um anseio de toda matéria orgânica pela existência. Segundo Marcuse, nos primórdios da matéria orgânica, a razão surge no mundo como busca do prazer e fuga da dor. Mas quando a civilização, através da luta pela existência, se transformou em dominação pelos interesses de classes, a razão se converteu em repressão. Por este motivo, Marcuse busca recuperar a antiga essência da razão humana. A razão tem como objetivo aliviar as tensões do organismo através do prazer. Na teoria freudiana, a função do aparelho neuronal é aliviar as tensões endógenas e exógenas do organismo. A função de descarga motora dá-se pelo impulso de prazer (Eros). Mas essa descarga se tornou em nossa época ação convertida em trabalho.

O aparelho mental perdeu sua natureza essencial que era aliviar as tensões internas através de Eros. Hoje essas tensões são aliviadas no trabalho, que produz mais tensões e frustrações. Todas as forças psíquicas e físicas são empregadas na alteração apropriada da realidade. O objetivo de Marcuse, portanto, é recuperar a antiga função do aparelho neuronal como pulsão. A razão deveria assumir seu estado natural, a razão deveria transformar-se em Eros (pulsão de vida). Com isso, Eros redefiniria a razão em seus próprios termos. Essa nova razão, em uma sociedade futura, seria personificada na realidade em todas as esferas da vida social.

4. Texto Filosófico III - Crítica à sociedade de comunicação de massa (Por José Renato Salatiel - jornalista e professor universitário)

Qual é a influência de meios de comunicação de massa, como a TV, sobre uma sociedade? Como as pessoas são mobilizadas a acompanharem um noticiário como se estivessem assistindo a uma telenovela, como ocorreu no recente caso da morte da menina Isabella? Os primeiros filósofos que detectaram a dissolução das fronteiras entre informação, consumo, entretenimento e política, ocasionada pela mídia, bem como seus efeitos nocivos na formação crítica de uma sociedade, foram os pensadores da Escola de Frankfurt. Max Horkheimer (1895-1973) e Theodor W. Adorno (1903-1969) são os principais representantes da escola, fundada em 1924, na Universidade de Frankfurt, na Alemanha. No local, um conjunto de teóricos, entre eles Walter Benjamin (1892-1940), Jurgen Habermas (1929), Herbert Marcuse (1898-1979) e Erich Fromm (1900-1980) desenvolveram estudos de orientação marxista.

Os estudos dos filósofos de Frankfurt ficaram conhecidos como Teoria Crítica, que se contrapõe à Teoria Tradicional. A diferença é que enquanto a tradicional é "neutra" em seu uso, a crítica busca analisar as condições sociopolíticas e econômicas de sua aplicação, visando à transformação da realidade. Um exemplo de como isso funciona é a análise dos meios de comunicação caracterizados como indústria cultural.

5. Indústria cultural pela concepção frankfurtiana

Em um texto clássico escrito em 1947, “Dialética do Iluminismo”, Adorno e Horkheimer definiram indústria cultural como um sistema político e econômico que tem por finalidade produzir bens de cultura – filmes, livros, música popular, programas de TV etc. – como mercadorias e como estratégia de controle social. A ideia é a seguinte: os meios de comunicação de massa, como TV, rádio, jornais e portais da Internet, são propriedades de algumas empresas, que possuem interesse em obter lucros e manter o sistema econômico vigente que as permitem continuar lucrando. Portanto, vendem-se filmes e seriados norte-americanos, músicas (funk, pagode, sertaneja etc.) e novelas não como bens artísticos ou culturais, mas como produtos de consumo que, neste aspecto, em nada se diferenciariam de sapatos ou sabão em pó. Com isso, ao invés de contribuírem para formar cidadãos críticos, manteriam as pessoas “alienadas” da realidade.

Como afirmam no texto: “Filmes e rádio não têm mais necessidade de serem empacotados como arte. A verdade, cujo nome real é negócio, serve-lhes de ideologia. Esta deverá legitimar os refugos que de propósito produzem. Filme e rádio se auto definem como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores-gerais tiram qualquer dúvida sobre a necessidade social de seus produtos”.

Para Adorno, os receptores das mensagens dos meios de comunicação seriam vítimas dessa indústria. Eles teriam o gosto padronizado e seriam induzidos a consumir produtos de baixa qualidade. Por essa razão, indústria cultural substitui o termo cultura de massa, pois não se trata de uma cultura popular representada em novelas da Rede Globo, por exemplo, mas de uma ideologia imposta às pessoas.

6. Dominação política pela concepção frankfurtiana

E como a indústria cultural torna-se mecanismo de dominação política? Adorno e Horkheimer vislumbraram os meios de comunicação de massa como uma perversão dos ideais iluministas do século 18. Para o Iluminismo, o progresso da razão e da tecnologia iria libertar o homem das crenças mitológicas e superstições, resultando numa sociedade mais livre e democrática. Mas os pensadores da Escola de Frankfurt, que eram judeus, se viram alvos da campanha nazista com a chegada de Hitler ao poder nos anos 30, na Alemanha. Com apoio de uma máquina de propaganda que pela primeira vez usou em larga escala os meios de comunicação como instrumentos ideológicos, o nazismo era uma prova de como a racionalidade técnica, que no Iluminismo serviria para libertar o homem, estava escravizando o indivíduo na sociedade moderna. Nas mãos de um poder econômico e político, a tecnologia e a ciência seriam empregadas para impedir que as pessoas tomassem consciência de suas condições de desigualdade. Um trabalhador que em seu horário de lazer deveria ler bons livros, ir ao teatro ou a concertos musicais, tornando-se uma pessoa mais culta, questionadora e engajada politicamente, chega em casa e senta-se à frente da TV para esquecer seus problemas, absorvendo os mesmos valores que predominam em sua rotina de trabalho. É desta forma que a indústria cultural exerceria controle sobre a massa. Como resultado, ao invés de cidadãos conscientes, teríamos apenas consumidores passivos.

7. Totalitarismo eletrônico pela concepção frankfurtiana

Posteriormente, entre os anos 70 e 80, os frankfurtianos foram muito criticados por uma visão reducionista dos receptores, em razão de pesquisas que demonstraram que as pessoas não são tão manipuláveis quanto Adorno pensava na época. Além disso, nem toda produção cultural se resume à indústria. Nas histórias em quadrinhos, por exemplo, temos Disney e Maurício de Souza, mas temos também quadrinhos alternativos e autorais. Apesar disso, Adorno e Horkheimer tiveram o mérito de serem os precursores da denúncia de um “totalitarismo eletrônico”, em que diversão e assuntos importantes são “mixados” num só produto; em que representantes políticos são escolhidos como se fossem sabonetes. Neste sentido, a crítica permanece atual.

8. Cultura de Massa sob o olhar filosófico de Adorno

(Disponível em: <http://www.infoescola.com/sociedade/cultura-de-massa>)

A expressão ‘cultura de massa’, posteriormente trocada por ‘indústria cultural’, é aquela criada com um objetivo específico, atingir a massa popular, maioria no interior de uma população, transcendendo, assim, toda e qualquer distinção de natureza social, étnica, etária, sexual ou psíquica. Todo esse conteúdo é disseminado por meio dos veículos de comunicação de massa.

Os filósofos alemães, integrantes da Escola de Frankfurt – Theodor W. Adorno e Max Horkheimer —, foram os responsáveis pela criação do termo ‘Indústria Cultural’. Eles anteviam a forma negativa como a recém-criada mídia seria utilizada durante a Segunda Guerra Mundial. Aliás, eles eram de etnia judia, portanto, sofreram dura perseguição dos nazistas e, para fugir deste contexto, partiram para os EUA.

Antes do advento da cultura de massa, havia diversas configurações culturais – a popular, em contraposição à erudita; a nacional, que entretecia a identidade de uma população; a cultura no sentido geral, definida como um conglomerado histórico de valores estéticos e morais; e outras tantas culturas que produziam diversificadas identidades populares. Mas, com o nascimento do século XX e, com ele, dos novos meios de comunicação, estas modalidades culturais ficaram completamente submergidas sob o domínio da cultura de massa. Veículos como o cinema, o rádio e a televisão ganharam notório destaque e se dedicaram, em grande parte, a homogeneizar os padrões da cultura.

Como esta cultura é, na verdade, produto de uma atividade econômica estruturada em larga escala, de estatura internacional, hoje global, ela está vinculada, inevitavelmente, ao poderoso capitalismo industrial e financeiro. A serviço deste sistema, ela oprime incessantemente as demais culturas, valorizando tão somente os gostos culturais da massa. Outro importante pensador contemporâneo, o francês Edgar Morin, define a cultura de massa ou indústria cultural como uma elaboração do complexo industrial, um produto definido, padronizado, pronto para o consumo. Mas, ainda conforme este estudioso, uma industrialização secundária se processa paralelamente, mais sutil e, portanto, mais ardilosa, a da alma humana, pois ela ocorre nos planos imagético e onírico.

Esta cultura é hipnotizante, entorpecente, indutiva. Ela é introjetada no ser humano de tal forma que se torna quase inevitável o seu consumo, principalmente se a massa não tem o seu olhar e a sua sensibilidade educados de forma apropriada e o acesso indispensável à multiplicidade cultural e pedagógica. Com este manancial de recursos, é possível criar modalidades de resistência a essa cultura impositiva. Do contrário,



com os apelos desta indústria, personificados principalmente na esfera publicitária, principalmente aquela que se devota sem pudor ao sensacionalismo, é quase impossível resistir aos sabores visuais da avalanche de imagens e símbolos que inundam a mente humana o tempo todo. Este é o motor que move as engrenagens da indústria cultural e aliena as mentalidades despreparadas.

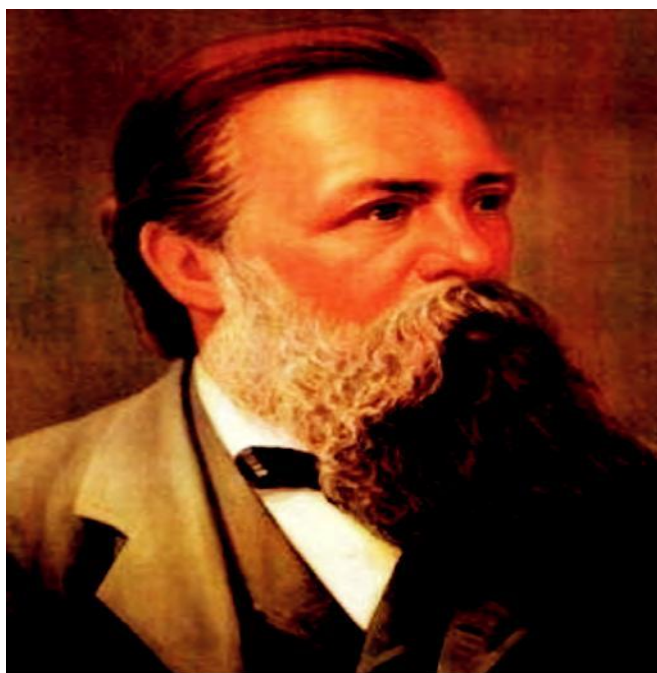
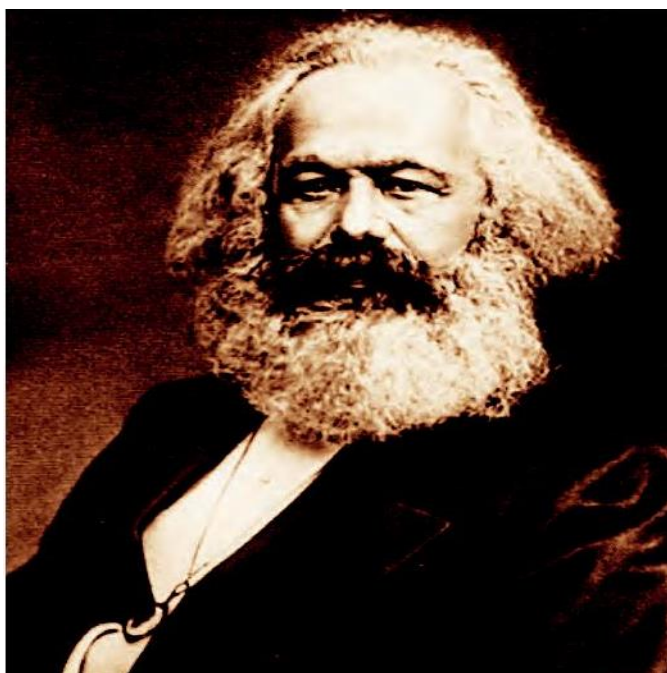
Situação de Aprendizagem 19 O PENSAMENTO SOCIOLÓGICO DE KARL MARX

8

1. Introdução

Karl Marx (1818-1883) nasceu em Treves, Alemanha. Estudou na Universidade de Berlim e doutorou-se em Filosofia em Jena. Em 1842, mudou-se para Paris, onde conheceu Friedrich Engels, seu parceiro de textos e ideias. Foi expulso da França e morou em Bruxelas, participando da Liga dos Comunistas. Em 1848 escreveu *O Manifesto do Partido Comunista*, obra de cunho mais político que científico, mas de grande importância histórica e que teria originado o chamado marxismo. Sua obra mostrou uma preocupação em lançar as bases científicas para o pensamento socialista, e politicamente, defendeu a **causa operária**, marca que acompanhará toda e qualquer tendência ou postura que se tenha intitulado de marxista. Malgrado o projeto de revolução social, em 1848, mudou-se para Londres. Com isso, podemos perceber que conhecia de perto boa e importante parcela da sociedade industrial europeia. Entre seus livros, destacam-se *A Ideologia Alemã*, *Miséria da Filosofia*, *Para a Crítica da Economia Política* e *O Capital*.

Marx viveu numa Europa próspera e conturbada. Percebeu e estudou as **contradições** do desenvolvimento do capitalismo e sua obra apontava para uma possibilidade de superação dos conflitos e contradições desse modo de produção que acumulava e concentrava riqueza nas mãos de poucos. Marx teve e ainda tem uma grande quantidade de seguidores na intelectualidade e entre políticos em todo o mundo.



Karl Marx deixou enormes influências nas sucessivas gerações de intelectuais. Friedrich Engels foi o principal colaborador e companheiro intelectual de Marx.

2. Relações de Produção e Classe social

Para Marx, a sociedade não era um tecido solidário como queria Durkheim, mas uma organização baseada nas relações de produção. Na produção social da sua existência, dizia Marx, os homens travam relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade. Tais relações de produção correspondem a um grau de **desenvolvimento das forças produtivas**. Esse desenvolvimento seria, então, o movimento próprio da história. O motor da história, portanto, é a contradição, pois cada modo de produção – que Marx entendia como etapas evolutivas (modo de produção asiático, antigo, feudal e burguês) – trazia em si um princípio contraditório e por isso o pensamento marxista é um pensar **dialético**. Chamou essa teoria de **materialismo dialético** ou histórico. Para Marx, a história não era um processo conduzido pela vontade dos homens, mas determinada, sobretudo pela forma como os homens produzem e reproduzem sua riqueza material. Percebia nessa ordem das coisas, as relações de conflito, principalmente entre as classes sociais, que apresentavam posições e interesses diferentes. Para Marx, existiam duas classes sociais: a classe dominante e a dominada. Na sociedade de produção capitalista, a classe dominante está representada pela burguesia que detém os meios de produção (donos de fábricas, por exemplo) e a classe dominada, pelo proletariado (a classe operária e camponesa) que, nada possuindo, vende a sua força de trabalho como se fosse uma mercadoria.

As classes sociais são opostas e interdependentes. Só existem proprietários que acumulam riqueza porque há uma massa de despossuídos.

Para Marx e Engels, a sociedade, portanto, seria um tecido repleto de nós, ou melhor, de relações de conflito e luta de classes. Ao contrário de Durkheim, para eles não bastava a constatação de uma consciência coletiva. Na ótica marxista, não é a consciência dos homens que determina a sua existência, mas, ao contrário, a existência social é que determina a sua consciência. Além disso, não pode haver uma única e externa consciência coletiva, como pensava Durkheim, porque, segundo Marx, a consciência é no mínimo, consciência de classe. Em outros termos, a consciência de um indivíduo da classe dominante será diferente da consciência daquele pertencente à classe dominada.

Concluindo, os valores de uma sociedade, os sentimentos, a forma de pensar e de interpretar o mundo, seja pela arte, pelo senso comum ou pela filosofia, a forma de agir em sociedade são reflexos das relações de produção.



O Marxismo percebe as contradições sociais e focaliza a luta de Classes.

ideia de que o embate das forças de oposição ocorreria na esfera da realidade material, ou seja, na forma de produção.

Convém colocar que o método de Marx teve influência da dialética do filósofo George Hegel (1770-1831), para quem a história era um todo coeso, um processo de desenvolvimento, cuja dinâmica se dava por forças antagônicas (contrárias) do conhecimento e do espírito humano, às quais chamou de tese e antítese. Da relação de conflito das duas surgia, então, uma síntese que se constituía, por sua vez, em uma nova tese. Marx criticou Hegel por julgá-lo idealista, ou seja, o que Marx reformulou ou corrigiu na dialética hegeliana, a seu ver, nessa teoria foi a

3. Teoria da Alienação

Para Marx, a classe dominada vivencia uma complexa experiência de alienação. A indústria, a condição de assalariado e a propriedade privada condenam a classe operária a uma situação de alienação, pois ela está separada do fruto do seu trabalho que é o bem por ela produzido e que pertence ao patrão. A consciência também se encontra alienada, pois os operários não necessariamente se apercebem dessa condição de exploração. Politicamente, também ocorre uma experiência alienante. O princípio da representatividade pressupõe um Estado imparcial e que represente o conjunto de toda a sociedade. Para Marx, isso não acontece no capitalismo, já que o Estado, na verdade, representa diretamente os interesses da classe dominante.

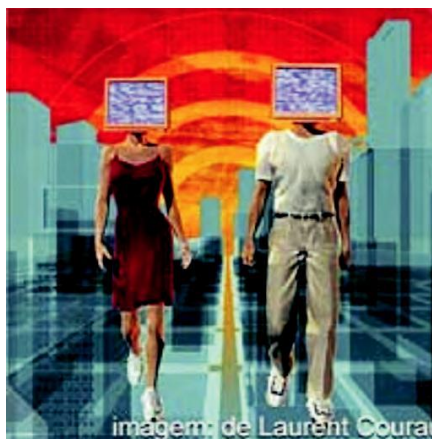


imagem: de Laurent Courau
A imagem de Laurent Courau evoca a relação entre mídia e alienação.

Enquanto para Durkheim, a divisão social do trabalho gerava uma solidariedade, para Marx, tal divisão implica outra situação de conflito e alienação: uma classe privilegiada tem acesso ao conhecimento filosófico e esse pensar parcial e classista torna-se o pensamento dominante e a visão geral da sociedade como um todo. Assim, a própria ciência, ou a própria sociologia, pode ser um saber que produz alienação.

Segundo o pensamento marxista, o primeiro passo para tirar o homem da condição de alienação e de exploração é fazer a crítica radical ao modo de produção vigente e daí trabalhar no sentido de acelerar o advento de uma nova sociedade sem classes. Esse advento, segundo Marx, já está inscrito na contradição do sistema capitalista.

4. Análise da obra Marxista: *O Capital*

Para conhecer melhor o pensamento de Marx, faz-se imprescindível um contato com a sua obra *O Capital* (1867). Essa obra compreende três livros, o primeiro fora publicado em vida e os volumes II e III são publicações póstumas, inacabados e compilados por Engels. No *Capital*, Marx analisa a essência do capitalismo que é a lógica do lucro e da propriedade privada. A obra inicia expondo dois tipos de troca: um primeiro em que a mercadoria é trocada por mercadoria, sendo uma troca imediatamente inteligível e humana; um segundo tipo que é a troca que vai do dinheiro para o dinheiro, passando pela mercadoria, sendo que no fim da troca, espera-se ter conseguido mais dinheiro do que aquele inicial. Denotando a produção de um **lucro**. Essa segunda forma de troca é a marca do capitalismo. A grande questão de Marx é descobrir como ocorre esse processo, ou ainda, como é possível produtores e comerciantes lucrarem? Outra maneira de formular o problema da obra: qual é a fonte do lucro? Marx acredita ter encontrado a resposta, desenvolvendo a teoria da **mais-valia**.

5. A mais-valia na obra: O Capital

Através da teoria da mais-valia, Marx demonstra que tudo é trocado pelo seu valor e, no entanto, existe uma fonte de lucro. Para chegar a explicar a mais-valia, precisamos expor três proposições.

- I. **Proposição primeira:** o valor de qualquer mercadoria é proporcional a uma quantidade de valor de trabalho social nela embutido. Trata-se da teoria do valor-trabalho. Para Marx o único valor quantificável é a quantidade de valor-trabalho e por isso sabemos que um determinado objeto tem efetivamente mais valor que outro.
- II. **Proposição segunda:** o valor-trabalho pode ser medido como valor de mercadoria. Já vimos que o operário assalariado é o que vende a sua força de trabalho como se ela fosse uma mercadoria, isso quer dizer que o salário pago ao trabalhador deve equivaler ao valor de trabalho social embutido na mercadoria, de acordo com a proposição primeira. Porém, em se tratando de trocas sociais, o salário deve corresponder à quantia que garanta a sobrevivência do trabalhador e de sua família.
- III. **Proposição terceira:** o tempo de trabalho necessário para o operário produzir um valor igual ao que recebe sob a forma de salário é inferior à duração de seu trabalho de fato. Assim, um operário precisará, por suposição, de quatro horas de trabalho para receber o valor que garanta a sua sobrevivência, que corresponde ao seu salário, mas ele, na verdade, trabalha nove horas. Uma parte do tempo, ele trabalha para si e a outra, para o patrão. A mais-valia é exatamente a quantidade de valor produzido pelo operário além do trabalho necessário correspondente ao valor do trabalho que recebe em forma de salário. Em outros termos, o valor produzido durante o sobretrabalho é mais-valia. O trabalho, portanto, rende um valor extra ao dono da empresa, e esse, de certa forma, apropria-se de um valor excedente que em princípio é do trabalhador. Fica evidente que o aumento da produtividade, pelo avanço tecnológico, por exemplo, promove uma evolução da mais-valia.

6. Concluindo a perspectiva filosófica Marxista na obra: O Capital

O *Capital* (primeiro volume) é publicado em 1867, o segundo volume, em 1885 e o terceiro, só em 1889. Após a morte do pensador, Engels continuou velando pela obra. O terceiro volume não completa a sua obra, ao menos, não o plano original. Marx pretendia escrever um quarto volume, no qual queria expor suas ideias sobre uma mecânica mistificadora dos movimentos econômicos.

Depois de Marx, o socialismo adquiriu consistência científica. Encontramos em seu pensamento uma profunda compreensão do processo econômico e da influência sobre a vida dos homens, colocando de lado, hoje, o determinismo econômico de sua obra, principalmente em razão da época em que viveu, não mais aceito inclusive por muitos marxistas. Trata-se de um autor polêmico, criticado de forma legítima e irônica, essa última, perigosa porque expõe os abusos da especulação intelectual. Marx via no socialismo uma necessidade histórica. Após sua morte, foi implantado no Leste Europeu sem sucesso, assim como em outros países. O resultado das experiências socialistas, em geral, foi um fracasso. O socialismo foi um sonho de inspiração humanista e iluminista que malogrou. Marx elaborou um pensamento universal e sustentou uma visão de homem universal e muitos cientistas sociais e filósofos valorizam essa face de sua produção intelectual. O fim do socialismo real na URSS e na Europa Oriental não significou, para alguns, o fim do pensamento socialista; ou para outros, o fim da sua ameaça. Faz-se necessário compreender hoje que a história não se conclui em qualquer manifestação particular, nem em uma sociedade socialista, tampouco em uma capitalista. Como pensa, em geral, o marxismo, o esforço para reproduzir um modo de produção econômico acarreta alterações nas forças em oposição. Faz-se, portanto, necessário continuar a desenvolver a crítica dos modelos sociais e econômicos que os homens estabelecem, por sua vontade ou não, procurando propostas de superação das mazelas sociais.

7. Uma análise global das teorias filosóficas Marxistas

Definir claramente o sentido de Socialismo, hoje em dia, não constitui tarefa das mais simples. Essa dificuldade pode ser creditada à utilização ampla e diversificada deste termo, que acabou por gerar um terreno bastante propício a confusões. Constantemente encontramos afirmações de que os comunistas lutam pelo socialismo, assim como também o fazem os anarquistas, os anarcossindicalistas, os socialdemocratas e até mesmo os próprios socialistas. A leitura de jornais vai nos informar que os governos cubanos, vietnamita, alemão, austríaco, inglês, francês, sueco entre outros, proclamam-se socialistas. Caberia então perguntar o que é vem a ser este conceito, tão vasto, que consegue englobar coisas tão díspares.

A História das Ideias Socialistas possui alguns cortes de importância. O primeiro deles é entre os socialistas utópicos e os socialistas científicos, marcado pela introdução das ideias de Marx e Engels no universo das propostas de construção da nova sociedade. O avanço das ideias marxistas consegue dar maior homogeneidade ao movimento socialista internacional. Pela primeira vez, de países diferentes, quando pensavam em socialismo, estavam pensando numa mesma sociedade – aquela preconizada por Marx – e numa mesma maneira de chegar ao poder. As teses apresentadas por Marx e Engels levaram a uma total modificação do caminho que vinha sendo percorrido pelas ideias socialistas e constituíram a base do socialismo moderno. Apesar de obras anteriores, é o *Manifesto do Partido Comunista* que inova definitivamente o ideário socialista. A partir de sua publicação em 1848, tanto Marx quanto Engels aprofundaram e detalharam, em suas demais obras, suas concepções sobre a nova sociedade e sobre a História da humanidade.

Antes de qualquer coisa, devemos fugir à ideia de que anteriormente a Marx existissem apenas trevas. O que há de genial no trabalho de Marx é sua aguçada visão da História e dos movimentos sociais e a utilização de instrumentos de análise que ele próprio criou. Marx se serve de três principais correntes do pensamento que se vinham desenvolvendo, na Europa, no século passado, coloca-as em relação umas com as outras e as completa em suas obras. Sem a inspiração nestas três correntes, admite o próprio Marx, a elaboração de suas ideias teria sido impossível. São elas: a dialética, a economia política inglesa e o socialismo. Para Marx o movimento dialético não possui por base algo espiritual, mas sim algo material. O materialismo dialético é o conceito central da filosofia marxista, mas Marx não se contentou em introduzir esta importante modificação apenas no terreno da Filosofia. Ele adentrou no terreno da História e ali desenvolveu uma teoria científica: O materialismo histórico. O materialismo histórico, a concepção materialista da história desenvolvida por Marx e Engels, é uma ruptura à História como vinha sendo estudada até então. A história idealista que dominava até aquela época chamava-se de História da Humanidade ou História da Civilização a algo que não passava de mera sequência ordenada de fatos históricos relativos às religiões, impérios, reinados, imperadores, reis etc.

Para Marx as coisas não funcionavam desta maneira. Em primeiro lugar, como materialista, interessava-lhe descobrir a base material daquelas sociedades, religiões, impérios etc. A ele importava saber qual era a base econômica que sustentava estas sociedades: quem produzia, como produzia, com que produzia, para quem produzia e assim por diante. Foi visando isto que ele se lançou ao estudo da Economia Política, tomando como ponto de partida a escola inglesa cujos expoentes máximos eram Adam Smith e David Ricardo. Em segundo lugar uma vez que a base filosófica de todo o pensamento marxista (e, portanto, também de sua visão de história) era o materialismo dialético, Marx queria mostrar o movimento da história das civilizações enquanto movimento dialético.

A teoria de História de Marx e Engels foi elaborada a partir de uma questão bastante simples.

Examinando o desenvolvimento histórico da humanidade, pode-se facilmente notar que a filosofia, a religião, a moral, o direito, a indústria, o comércio etc., bem como as instituições onde estes valores são representados, não são sempre entendidos pelos homens da mesma maneira. Este fato é evidente: A religião na Grécia não é vista da mesma maneira que a religião em nossos dias, assim como a moral existente durante o Império Romano não é a mesma moral existente durante a Idade Média. (O texto foi (adaptado) de: *O que é Socialismo*. Escrito por Arnaldo Spindel. Editora Brasiliense, 4.ª edição).

Exercícios Filosóficos para Reflexão e Fixação

1. (UEL) "A doença da razão está no fato de que ela nasceu da necessidade humana de dominar a natureza. Essa vontade de dominar a natureza, de compreender suas 'leis' para submetê-la, exigiu a instauração de uma organização burocrática e impessoal, que, em nome do triunfo da razão sobre a natureza, chegou a reduzir o homem a simples instrumento. Naturalmente, as possibilidades atuais eram inimagináveis nos tempos passados: hoje o progresso tecnológico põe à disposição de todos objetos e bens que antes só existiam nos sonhos dos utopistas. [...] O progresso dos recursos técnicos, que poderia servir para 'iluminar' a mente do homem, se acompanhada pelo processo da desumanização, de tal modo que o progresso ameaça destruir precisamente o objetivo que deveria realizar: a ideia do homem." (REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da filosofia. Trad. De Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1991. v. 3. p. 846.). Com base no texto e nos conhecimentos sobre razão instrumental em Adorno e Horkheimer, considere as afirmativas a seguir.
 - I. A forma como o domínio da natureza foi alcançado preservou a "ideia do homem", objetivo central do progresso técnico.
 - II. O objetivo do homem, desde o início de sua história, era o de dominar a natureza e fazer uso de seus recursos para viver melhor.
 - III. A dimensão crítica da razão, imune ao progresso tecnológico e ao avanço da ciência, impediu a dominação do homem.
 - IV. A humanidade, nos dias atuais, atingiu um grau significativo de controle sobre o meio em que vive e, para isso, conta com o auxílio de instrumentos administrativos e tecnológicos.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- a) I e III.
- b) I e IV.
- c) II e IV.
- d) I, II e III.
- e) II, III e IV.

2. (UEL) “O aumento da produtividade econômica, que por um lado produz as condições mais justas para um mundo mais justo, confere por outro lado ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população. O indivíduo se vê completamente anulado em face dos poderes econômicos. Ao mesmo tempo, estes elevam o poder da sociedade sobre a natureza a um nível jamais imaginado. Desaparecendo diante do aparelho a que serve, o indivíduo se vê, ao mesmo tempo, melhor do que nunca provido por ele. Numa situação injusta, a impotência e a dirigibilidade da massa aumentam com a quantidade de bens a ela destinados.” (ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Trad. De Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. p. 14.) De acordo com o texto de Adorno e Horkheimer, é correto afirmar:
- A alta capacidade produtiva da sociedade assegura liberdade e justiça para seus membros, independentemente da forma como ela se estrutura, controlando ou não seus membros.
 - O “desaparecimento” do indivíduo diante do aparato econômico da sociedade se deve à incapacidade dos próprios cidadãos em se integrarem adequadamente ao mercado de trabalho.
 - A ciência e a técnica, independente de quem tem seu controle, são as responsáveis pela circunstância de muitos estarem impossibilitados de atingir o status de sujeito numa sociedade altamente produtiva.
 - O fato de a sociedade produzir muitos bens, valendo-se da ciência e da técnica, poderia representar um grau maior de justiça para todos; no entanto, ela anula o indivíduo em função do modo como está organizada e como é exercido o poder.
 - O alto grau de autonomia das massas na sociedade capitalista contemporânea é resultado do avançado domínio tecnológico alcançado pelo homem.
3. (UEL) “A diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado, para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo. Mas, ao mesmo tempo, a mecanização atingiu um tal poderio sobre a pessoa em seu lazer e sobre a sua felicidade, ela determina tão profundamente a fabricação das mercadorias destinadas à diversão, que esta pessoa não pode mais perceber outra coisa senão as cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho.” (ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Trad. de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.) Com base no texto e nos conhecimentos sobre trabalho e lazer no capitalismo tardio, em Adorno e Horkheimer, é correto afirmar:
- Há um círculo vicioso que envolve o processo de trabalho e os momentos de lazer. Com o objetivo de fugir do trabalho mecanizado e repor as forças, o indivíduo busca refúgio no lazer, porém o lazer se estrutura com base na mesma lógica mecanizada do trabalho.
 - Apesar de se apresentarem como duas dimensões de um mesmo processo, lazer e trabalho se diferenciam no capitalismo tardio, na medida em que o primeiro é o espaço do desenvolvimento das potencialidades individuais, a exemplo da reflexão.
 - Mesmo sendo produzidas de acordo com um esquema mercadológico que fabrica cópias em ritmo industrial, as mercadorias consumidas nos momentos de lazer proporcionam ao indivíduo plena diversão e cultura.
 - Tanto o trabalho quanto o lazer preservam a autonomia do indivíduo, mesmo nos processos de mecanização que caracterizam a fabricação de mercadorias no capitalismo tardio.
 - As atividades de lazer no capitalismo tardio, como o cinema e a televisão, são caminhos para a politização e aquisição de cultura pelas massas, aproximando-as das verdadeiras obras de arte.

4. "... Não é a consciência dos homens que determina a sua existência, é, pelo contrário, a sua existência que determina a sua consciência". A reflexão acima pode ser considerada expressão do método:

- a) Materialismo dialético.
- b) Sociologia compreensiva.
- c) Método dedutivo.
- d) Positivismo.
- e) Funcionalismo.

5. **Leia as colocações abaixo:**

- I. Anunciar a autodestruição do capitalismo e incitar os homens a contribuírem para a realização desse destino já traçado.
- II. O motor do movimento histórico é a contradição e esta se encontra no desenvolvimento das forças produtivas.
- III. A consciência dos homens não é resultante da realidade objetiva, mas, ao contrário, o mundo material e objetivamente dado e fruto da consciência.

São colocações coerentes com o pensamento dialético de Karl Marx:

- a) I, II e III.
- b) Apenas I e II.
- c) Apenas II e III.
- d) Apenas I e III.
- e) Apenas II.

6. **Leia as proposições abaixo e assinale a alternativa que agrupa as coerentes com o pensamento de Karl Marx.**

- I. O homem tornou-se alienado politicamente, pois o Estado não é um órgão político imparcial, como se supõe. Na sociedade capitalista, o Estado representa apenas os interesses da classe dominada, ou seja, o proletariado.
- II. A indústria, a propriedade privada e o assalariamento alienavam ou separavam o operário dos meios de produção (ferramentas, matéria-prima e terra).
- III. A sociedade capitalista é dividida em duas classes: a dominada que vende a sua força de trabalho, entendida como mercadoria; e a dominante, que possui os meios de produção.
- IV. A divisão social do trabalho, no capitalismo, fez com que o pensamento filosófico e o conhecimento fossem acessíveis a todos os grupos sociais.

- a) Apenas I e II.
- b) Apenas I e III.
- c) Apenas III e IV.
- d) Apenas II e III.
- e) Apenas II e IV.

7. Na sociedade de produção capitalista, a classe dominante está representada pela burguesia que detém os meios de produção (donos de fábricas, por exemplo) e a classe dominada, pelo proletariado (a classe operária e camponesa) que, nada possuindo, vende a sua força de trabalho como se fosse uma mercadoria. Tal concepção teórica é do clássico:

- a) Max Weber.
- b) Émile Durkheim.
- c) Karl Marx.
- d) Auguste Comte.
- e) Émile Rousseau.



APOSTILA

FILOSOFIA e SOCIOLOGIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

3º ano – Ensino Médio - 1º bimestre



Sociologia

8. (UFPB - adaptada) – Leia o texto abaixo:

"[...] o primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a História, é que os homens devem estar em condições de viver para poder 'fazer história'. Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação destas necessidades, a produção da própria vida material, e de fato este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda história, que ainda hoje, como há milhares de anos, deve ser cumprido todos os dias e todas as horas, simplesmente para manter os homens vivos." (MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 39.). As análises históricas de Marx (1818-1883), pensador alemão, exercem e ainda exercem grande influência nas ciências humanas e sociais, entre elas, a História. Sobre a concepção marxista de História, assinale a alternativa verdadeira.

- A concepção da luta de classes como motor da História foi atribuída indevidamente ao marxismo, para o qual as transformações históricas decorrem apenas das ações dos indivíduos.
- O marxismo defende, teoricamente, uma postura neutra do historiador diante da sociedade e do conhecimento produzido sobre ela, assim, nega validade prática a sua própria concepção.
- As sociedades, para Marx, não podem ser compreendidas sem um estudo pormenorizado de sua base econômica, e esse entendimento significa a análise da sua organização material para a produção da sobrevivência humana.
- Os marxistas são ardorosos defensores do fim da história, pois essa tese representa a culminância do desenvolvimento humano, com a glorificação da sociedade de mercado e da democracia liberal.
- A História, para Marx, não é feita por todos, tampouco pelos trabalhadores, e essa concepção estava de acordo com a ideia, bastante comum no século XIX, de uma História feita apenas pelos "grandes homens".

BIBLIOGRAFIA E SUGESTÕES DE APROFUNDAMENTO

ARANHA, MARIA L. A. *Filosofando – introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna.

Assoum, Paul-Laurent. (1991). "A Escola de Frankfurt". São Paulo: Ática.

MARCUSE, Herbert e outros. *Opções da Esquerda*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

MARX, Karl, e, ENGELS, Friedrich. *Obras escolhidas*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1983.

Para a Crítica da Economia Política, Salário Preço e Lucro e O Rendimento e suas Fontes. SP. Abril Cult, 1982.

_____. *O Capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1988

Horkheimer, M.; Adorno, T.W.; Habermas, J. (1975). "Textos Escolhidos" - São Paulo: Abril Cultural.

Professor Leandro Andrade da Rocha



Website www.cogitomagister.blogspot.com

leandrerocha@hotmail.com



@msleandrerocha



LeandroChamberlain